



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

GEORGE CÂNDIDO ARAÚJO

**A SAÚDE E A DOENÇA: A REVISTA FON-FON E A PUBLICIDADE DE
MEDICAMENTOS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1920**

**GUARABIRA
2019**

GEORGE CÂNDIDO ARAÚJO

**A SAÚDE E A DOENÇA: A REVISTA FON-FON E A PUBLICIDADE DE
MEDICAMENTOS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1920**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edna Maria Nóbrega Araújo

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658s Araújo, George Candido.

A saúde e a doença [manuscrito] : revista fon-fon a publicidade de medicamentos no Rio de Janeiro dos anos 1920 / George Candido Araujo. - 2019.

22 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo , Coordenação do Curso de História - CH."

1. Saúde. 2. Doença. 3. Anúncios. 4. Revista Fon-Fon. I.

Título

21. ed. CDD 613

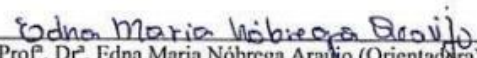
GEORGE CÂNDIDO ARAÚJO

A SAÚDE E A DOENÇA: A REVISTA FON-FON E A PUBLICIDADE DE
MEDICAMENTOS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1920

Artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura
em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em História.

Aprovada em: 27/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Jesus que sem Ele eu não sou absolutamente nada, e a mim mesmo que com muito sacrifício consegui finalizar mais esse ciclo, DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Anúncio dos Comprimidos Schering de Urotropina, 1925	14
Figura 2 –	Anúncio de Elixir de Inhame, 1929	15
Figura 3 –	Anúncio de Biotonico Fontoura, 1925	16
Figura 4 –	Anúncios do Xarope Roche, 1922 e 1923	17
Figura 5 –	Anúncios de Colgate e Odol, 1923 e 1922	18
Figura 6 –	Anúncio de Luesol de 1921	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OS HIGIENISTAS E AS NOVAS CONCEPÇÕES DE SAÚDE E DOENÇA NO SÉCULO XX	11
3	PUBLICIDADE E SEDUÇÃO: A REVISTA <i>FON-FON</i> COMO FONTE NOS ESTUDOS DA SAÚDE E DOENÇA NOS ANOS 1920	13
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

A SAÚDE E A DOENÇA: A REVISTA FON-FON E A PUBLICIDADE DE MEDICAMENTOS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1920

HEALTH AND DISEASE: THE FON- FON MAGAZINE AND THE ADVERTISING OF MEDICINES IN RIO DE JANEIRO OF THE 1920

George Cândido Araújo*

RESUMO

Este estudo tem como principal propósito apresentar algumas das muitas mudanças ocorridas na forma que a sociedade brasileira no século XX passou a tratar questões relacionadas a saúde e a doença, esta se apresentando de forma bem presente no cotidiano fazendo vítimas por toda parte e a primeira como objetivo desejado por todos aqueles que vivessem naqueles tempos de mudanças de padrões e concepções de higiene alteradas pelas falas dos médicos, do Estado e da imprensa que era responsável pela divulgação de diferentes maneiras de se adquirir saúde e uma das que se destacam eram os anúncios de medicamentos que prometiam ser um meio pelo qual se poderia chegar até a cura ou no mínimo a prevenção das enfermidades tão temidas pela população. Através da amostragem de alguns anúncios publicados na revista *Fon- Fon* durante o ano de 1920 podemos perceber que os periódicos se tornaram verdadeiros manuais para que os indivíduos pudessem resistir às doenças e conquistar corpos renovados pelas novas demandas de padrões modernos. Para a construção do presente artigo foi escolhido um referencial teórico voltado para a discussão da história da saúde e doença e publicidade como: Dilene Raimundo do Nascimento, Carlos Alberto Cunha Miranda, Sidney Chalhoub, Iranilson Buriti Oliveira, Liane Maria Bertucci, Alain Corbin, Maria Izilda Santos de Matos, dentre outros.

Palavras-chave: Saúde; Doença; Anúncios; Revista *Fon-Fon*.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to present some of the many changes that occurred in the way Brazilian society in the twentieth century began to deal with health and disease related issues, which is very present in daily life, making victims everywhere and the first as desired by all those who lived in those times of changing standards and conceptions of hygiene altered by the speeches of doctors, the state and the press that was responsible for spreading different ways of acquiring health and one of which stand out were the advertisements of medicines that promised to be a means through which cure could be achieved or, at a minimum, the prevention of diseases so feared by the population. By sampling some ads published in *Fon-Fon* magazine during the year 1920. we can see that the journals became true manuals for individuals to resist disease and conquer renewed bodies by the new demands of modern standards. For the construction of this article a theoretical framework was chosen focused on the discussion of the history of health and disease and publicity such as: Dilene Raimundo do Nascimento, Carlos Alberto Cunha Miranda, Sidney Chalhoub, Iranilson Buriti Oliveira Izilda Santos de Matos, among others.

Keywords: Health; Disease; Adverts; *Fon-Fon* Magazine.

* Aluno de graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III
georgecandido229@gmail.com

1-INTRODUÇÃO

É de nosso conhecimento que as práticas de combate a diversas doenças mudaram muito ao longo dos séculos em todo o planeta e por assim dizer também houveram grandes mudanças na forma com que muitas sociedades passaram a tratar aqueles atingidos por determinadas moléstias. O final do século XIX e o início do século XX assistiram a uma grande alteração na maneira com que os médicos passaram a exercer sua profissão e, sobretudo no que essa nova maneira significou no cotidiano primeiramente das classes que possuíam uma melhor condição econômica e posteriormente nas camadas populares da sociedade.

A cada época viu-se distintos procedimentos quando falamos a respeito de saúde e doença, essas particularidades revelam muito a cultura de cada localidade, assim se tratando dessa temática cabe ao historiador estar atento aos registros deixado pelo passado de cada lugar e pessoas. Nesse sentido,

[...] a doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstrato numa complexa realidade empírica, e porque as doenças são mortais [...] A doença pertence não só a história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades. (LE GOFF, 1985, p. 7-8).

Para Dilene Raimundo do Nascimento, (2005, p. 29-30) é importante o estudo da doença por parte do historiador, pois,

Concorrem para a existência da doença diversos elementos científicos, sociais e políticos, temporal e espacialmente estudados. Dito de outro modo, diferentes grupos, a cada época, dão significação e sentido específicos à entidade fisiopatológica chamada doença. A história das doenças pode revelar uma enorme gama de questões. [...] A doença como objeto de estudo, possibilita o conhecimento sobre as estruturas e mudanças sociais, dinâmica demográfica e deslocamento populacional, reações societárias, constituição do estado e de identidades nacionais, emergência e distribuição de doenças, processo de construção de identidades individuais e constituição de campos de saber e disciplinas.

Desta forma, o estudo da saúde e doença vem sendo cada dia mais presente entre os historiadores que identificam na história da saúde e da doença uma das possibilidades de compreender o presente.

Várias fontes possibilitam a investigação da história da saúde e da doença nos diferentes tempos e sociedade. Sem dúvidas, a Escola dos Annales e a História Cultural muito contribuíram para inclusão de novas fontes ao trabalho do historiador ao romper com a ideia de que a documentação oficial é a exclusiva detentora da verdade e mais ainda a história política como único tema a ser desenvolvido por historiadores abriu um leque de possibilidades de temas e fontes ao nosso trabalho. Assim os Annales revigorou a percepção da historiografia uma vez que, “aliando-se as ciências sócias, a história renovada dos Annales encontrou um novo campo de pesquisa, amplo e diversificado”. (FURET, 1982; VAVELLE 1982. APUD REIS, 2000, p.23). Sobre a importância da História Cultural Pesavento (2007, p. 42), comenta:

Em termos gerais, pode-se dizer que sua proposta seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar aquelas formas,

discursivas e imagéticas, pelas quais os homens se expressam a si próprios e o mundo.

A pesquisa ora realizada se aproxima dessa história que quebra muitas restrições e coloca em cena temas antes inusitados. “A renovação temática que vem crescendo desde o tempo dos *Annales* esteve acompanhada de uma abertura para os saberes se comunicarem, o que trouxe um enriquecimento para a produção do historiador”. (MIRANDA, 2011, p.16). Dialogando com outros saberes, o historiador “mergulhou em mares desconhecidos e desvendou relações sociais que não tinham sido ainda objeto de estudo” (MIRANDA, 2011, p.16).

O historiador tem trilhado muitos caminhos. Continua sendo um investigador que não perde de vista os bons indícios e que não perde de vista as constantes interrogações. Não basta apenas colecionar nomes e datas para obter as muitas respostas às muitas perguntas que faz a história. É preciso ir além do que se vê, para se aproximar da realidade e não negar seus muitos mistérios. Não bastam, simplesmente, a superfície, a racionalização imediata e a comprovação autoritária e inquestionável das fontes. (MIRANDA, 2011, p.15).

Por meio do estudo da Saúde e Doença na contemporaneidade se pode tentar conhecer e discutir os costumes que estão distantes do nosso presente não só no tocante a temporalidade, mas também sobre a percepção que se tinha sobre o adoecer, a medicalização, a recuperação e prevenção durante os mais diversificados períodos históricos.

Nesse sentido partilhamos do entendimento segundo o qual os estados de saúde e doença, em geral, podem funcionar para o historiador como elementos reveladores de articulação social, das mudanças operadas na sociedade e das representações de uma determinada sociedade a respeito de si mesma e dos estados de saúde e de doença (OLIVEIRA, et all, 2012, p. 3).

Partindo dessa perspectiva levaremos em consideração a divulgação executada pelos periódicos na imprensa da época, dos novos preceitos de saúde com as propagandas de medicamentos que em suas palavras eram as principais responsáveis pela erradicação das enfermidades do cotidiano da população. Destarte, analisaremos alguns desses anúncios de remédios no arquivo digital da Biblioteca Nacional tendo como fonte as páginas da revista carioca intitulada *Fon- Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiente*, que circulou entre os anos de 1907 e 1958 e em suas muitas edições abriu espaço para a publicidade de xaropes, depurativos, fortificantes, dentifrícios, comprimidos entre outras alternativas que segundo seus discursos estavam comprometidos em assegurar a saúde de quem os usasse, retirando a marca de fracasso que muitas vezes a doença deixava no doente. Na revista não encontramos apenas medicamentos ou conteúdos relacionados, mas também uma série de outros assuntos como: moda, beleza, fotografias de eventos, casamentos, aniversários, ou seja, variados temas dirigidos a uma sociedade que tinha como principal objetivo a modernidade.

Tendo em vista o número extenso de exemplares de uma revista semanal que permaneceu em atividade mais de cinquenta anos e a quantidade reduzida de páginas deste trabalho, nos deteremos, portanto em algumas edições da revista da década de 1920, por este período se apresentar com um número maior de páginas e maior diversidade de anúncios e anunciantes.

O fim do século XX marcou o início das discussões sobre o uso de jornais como fontes de pesquisa para escrita da história. Considerados representantes de ideologias e interesses políticos, os periódicos estavam excluídos da historiografia. Entretanto, [...] no transcorrer da década de 1970, escrever a história tendo os impressos como fontes, muito embora já houvesse um entendimento acerca de sua importância, era objeto de grande relutância. Com a ampliação do campo de atuação

do historiador, mediante o surgimento de novas temáticas e devido ao alagamento do conceito de documento histórico, privilegiaram-se outras fontes. (ARAUJO, 2018, p. 95).

Diante da pesquisa realizada, escolhemos uma bibliografia bem diversificada, teses, dissertações, artigos, e todo um referencial teórico voltado para história da saúde e doença e publicidade como: Sidney Chalhoub, Dilene Raimundo do Nascimento, Carlos Alberto Cunha Miranda, Iranilson Buriti Oliveira, Leonardo Quirino Barboza Freire dos Santos, Rafael Araújo da Nóbrega, Luiz Otávio Ferreira, Liane Maria Bertuci, Alain Corbin, Henri-Jacques Stiker, Maria Izilda Santos de Matos, dentre outros.

Desse modo, algumas questões nortearam a construção da presente pesquisa: De que forma as propagandas chegavam até a população? O que levava a população fazer a escolha de um medicamento em detrimento de outro? Até que ponto as pessoas possuíam esclarecimento sobre suas doenças e as formas de cura?

Sabemos que desde meados do século XIX que os médicos e as autoridades governamentais procuravam acabar ou esconder as mais variadas práticas de cura diferentes da medicina científica. Seus praticantes passaram a ser chamados de charlatões e suas práticas como atrasadas, pois, caminhava contrário ao progresso e a civilização tão almejada para o país.

As tentativas de estabelecer o discurso científico como única verdade possível, desde pelo menos meados do século XIX, estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento da sociedade capitalista e aos esforços dos grupos economicamente poderosos do país para manter a posição de controle e privilégio. (CHALHOUB et al. 2003, p. 12).

Ao explicar e naturalizar as desigualdades e injustiças sociais, o discurso médico passa a configurar uma nova forma de dominação e controle da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, os anúncios publicitários de medicamentos divulgados nos anos 1920 e presentes na revista *Fon-Fon*, utilizava-se dos discursos científicos, e além de vender produtos difundiam práticas valorizando a medicina. A consulta médica naquele momento basicamente era voltada a população mais abastada. Uma vez que a maioria da população recorria às curas através de outros protagonistas da história da medicina ligados a tradições culturais fortemente enraizadas em diferentes grupos sociais: curandeiros, benzedeiros, feiticeiros, parteiras, etc. “esses oficiantes da cura tinham muitas vezes a preferência dos doentes. Homens ou mulheres, brancos ou negros, ricos ou pobres, os pacientes tinham lá suas maneiras de lidar com a doença, o que na maioria das vezes os levava para longe da medicina científica” (CHALHOUB et al. 2003, p. 11).

Desse modo, a imposição da autoridade cultural do saber médico-científico exigiu de seus representantes redobrado esforço para que pudessem estabelecer, com nitidez, a diferença entre a medicina acadêmica e a medicina popular (FERREIRA, 2003, p. 102).

Embora desde meados do século XIX, já existisse a tentativa de valorização da medicina científica e a crítica às práticas tradicionais de cura, até os dias de hoje os doentes buscam diferentes formas de curar seus males. Quando acometido por enfermidades os adoentados recorrem não apenas aos médicos como também aos chás, rezas, promessas, e toda uma gama de anúncios de medicamentos nas páginas dos jornais e revistas em busca da cura de suas moléstias.

2- OS HIGIENISTAS E AS NOVAS CONCEPÇÕES DE SAÚDE E DOENÇA NO SÉCULO XX

A passagem para o século XX representou um amplo processo que transformou toda a concepção que se tinha sobre saúde e também sobre as enfermidades, males que assolavam a sociedade naquele período. No século anterior, países da Europa já acreditavam que o futuro de suas nações, estariam associados ao higienismo e suas novas práticas, que abolia ao que era adotado em passado não muito distante pela população e trazia ao debate novas formas de comportar-se que afetaria diretamente o cotidiano das pessoas. “Por meio da higiene, podia-se regenerar uma raça, fortalecer uma nação” (SANT’ANNA, 2011, p. 302). Assim a demora para que esta perspectiva adentrasse no Brasil foi curta e se apresentou como um fio de esperança para se alcançar a tão sonhada modernidade. O país na época vivenciava as primeiras experiências do período republicano, então observamos que esse novo desafio se dá em um momento de mudanças significativas no tocante à vida política do estado brasileiro que até bem pouco tempo mantinha tradições do período colonial quando se trata do enfrentamento das doenças, estas que estavam tão presentes na vida da população que devido ao abandono do poder público estava entregue à própria sorte.

Para contornar todo esse cenário e tentar enfrentar as moléstias que corriqueiramente apareciam com alarde nos jornais, muitos utilizavam saberes de benzedeiros, curandeiros e os saberes que eram passadas de boca em boca por vizinhos, amigos e familiares com a intenção de prevenir e se livrar das tão temidas doenças que colocava um fim muito precoce a vida dos indivíduos durante toda a história das civilizações. Para que esses remédios servissem aos doentes, era preciso atender a uma lógica muitas vezes de relação com a doença existente em seu corpo e sobre isso explica Sant’Anna (2011, p. 290):

[...] a forma visível das doenças e de seus sintomas sugeria sua causa por meio de uma relação de semelhança: por exemplo, diversas micoses eram consideradas “cobreiros”, provenientes do contato de alguma cobra com as roupas ou pele do doente. A cura exigia rezas para afugentar o animal peçonhento e, portanto, eliminar o mal. Contra a calvície, o consumo de produtos provenientes de animais fartamente peludos usufruía de prestígio, assim como o combate ao fedor pedia a inalação de odores igualmente fortes, porém agradáveis ao olfato.

Esses saberes acompanharam as pessoas ricas e pobres durante anos tendo em vista a escassez de médicos nas grandes cidades e se tratando de cidades pequenas o número desses profissionais e suas atuações se reduziam a quase zero. Com o passar do tempo e o número de estudos referentes a higiene crescer pelo mundo e afetar o Brasil praticamente no mesmo período, a noção de doença e saúde sofrem mudanças paulatinamente e os saberes herdados da colônia e do império dão lugar aos discursos higiênicos, processo que se confunde com o desabrochar de nossa república brasileira.

Esses discursos disseminados com exatidão pela imprensa se inserem na vida do brasileiro de maneira desenfreada a princípio nas famílias abastadas e logo depois nas classes pobres, e como um dos principais sinais que caracterizam essa fase que o país atravessava está a reformulação da cidade do Rio de Janeiro sob a administração de Pereira Passos que apesar de excludente revela o começo de uma preocupação com as cidades sujas e doentes por parte daqueles que estavam no poder, assim os ambientes urbanos deixavam de ser fétidos e com isso ganha visibilidade o ideal de higiene preconizado pelos europeus.

Desta forma para que a população pudesse se desvencilhar da imagem que a doença e a falta de higiene traziam para a cidade e as pessoas era preciso combater hábitos e costumes do passado e depositar a crença no que propagavam os médicos e em sua medicina, que junto

ao poder público, buscavam seguir as ideias da modernidade, progresso e civilização através do controle dos corpos. “Neste quadro de mudanças e tensões, a medicina se institucionalizou, reorganizou seu campo de estudos, técnicas e práticas, passando a atuar de forma mais decisiva sobre os corpos, as doenças e as cidades” (MATOS, 2018, p. 24).

É neste contexto de uma política higienista, que a limpeza tornou-se o assunto principal em vários lugares do Brasil. Nesse momento os hábitos de higiene passam a ser moldados de acordo com as novas demandas, estabelecendo uma hierarquia cultural entre os que colocavam em prática os novos ensinamentos e os que ignoravam seja por não conseguirem acompanhar ou discordar das novidades. Assim, a sociedade classificava os indivíduos em superiores e inferiores segundo a recém-adquirida maneira de viver. Então é possível notar a partir daí a transição de um período considerado mais tarde como sendo sujo para um que a limpeza predominava.

Destarte, o que vai ser considerado a partir desses tempos quanto a saúde passa por uma renovação e o ser saudável passa a estar ligado às práticas da higiene que cada indivíduo deve adotar para seguir o padrão que emerge. Esse padrão se revela como moderno e como um artifício para a correção daqueles que tinham em sua imagem as marcas deixadas pelo passado da pouca higiene, elas correspondem quase sempre aqueles que não possuíam prestígio econômico ou não pertenciam a famílias que possuíam tradição e honra, “o pobre é quase sinônimo de sujeira, degradação moral, insubordinação, rebelião e atraso” (OLIVEIRA, 2012, p. 5).

Um dos meios pelos quais foi propagada essa nova concepção de saúde foi através dos periódicos que como principais veículos de informação que se tinha na época alimentou o discurso da higiene, da promoção da vida saudável e o aperfeiçoamento dos costumes da moda em uma população que tinha como desejo primordial a modernidade.

Contudo parecia que todos estavam unidos com um único propósito que era a limpeza para a obtenção da saúde, em um país que fazia parte de seu cotidiano acompanhar as muitas e muitas mortes por epidemias de doenças como gripe espanhola, varíola, febre amarela, tuberculose, sífilis, etc. Apoiar seu futuro na higiene seria uma das possibilidades de salvação para o livramento das mortes da população e, sobretudo dos seus entes queridos. Sobre o surto de gripe espanhola de 1918, Mary Del Priore (2017, p. 495) relata o drama que as pessoas enfrentaram, afirmando que “[...] as pessoas morriam como moscas, o desabastecimento das capitais aumentava, as cidades em pânico e os serviços públicos, parados”. Assim sendo, compreende-se que o país precisava urgentemente de uma ação que pudesse intervir nessa dura realidade, foi então que as falas dos médicos e a ação do Estado enquanto detentores do poder fizeram tentativas muitas das vezes sem êxito de intervir nessa realidade, através do que tinha ao seu alcance que eram jornais e revistas que esclarecia a população como combater as doenças:

Cabia à imprensa divulgar os pontos de vista médicos para combater a ignorância do povo, que oferecia resistência à ação dos poderes públicos. Os jornais publicavam o desejo dos médicos em serem os pioneiros dos costumes purificados da higiene, responsáveis por levar os cuidados aos homens, libertando-os assim do estado de trevas (SOARES JR., 2015, p. 156).

Desta maneira, com a crescente circulação que tiveram as revistas e os jornais que abordavam em suas páginas temas relacionados à saúde e conseqüentemente a doença no século exposto no presente estudo e até mesmo anterior a ele, ocorreu uma ruptura que foi a tradição dos remédios caseiros feitos com ingredientes coletados na natureza e quando não nela de fácil aquisição em outros lugares, para aqueles anunciados nos periódicos com receitas de farmacêuticos e doutores. É importante salientar que tal empreitada não aconteceu do dia para noite, pois muitas práticas usadas no passado permaneceram e podem ser vistas até mesmo hoje no século XXI, principalmente em lugares distantes dos grandes centros que

como já foi mencionado, são pouco beneficiados pela presença dos médicos e pela variedade de medicamentos, diferentemente das capitais ou de suas cidades próximas.

Esses periódicos eram vistos como verdadeiros guias que tinham como principal objetivo assegurar a saúde de seu público leitor lhe mostrando como deveriam proceder se algumas das muitas doenças que aterrorizavam o país de norte a sul lhe ameaçassem ou comprometessem a saúde de seus familiares e muitas vezes mais do que isso, os jornais e revistas exerciam um controle nas práticas da vida particular dos indivíduos quando estes possuíam em seu corpo algumas doenças que eram associadas ao pecado como no caso da sífilis na Paraíba que somado aos dizeres do estado, a imprensa colocava a doença como resultado dos maus costumes pecaminosos.

Doença essa que causava repúdio a pessoas devido a associação com a libertinagem, devassidão, vistas aos lugares considerados de prostituição. Uma doença, portanto da perversão. Os contaminados eram vistos até o início do século XX como culpados do mal, e a eles se negavam qualquer tipo de auxílio ou cuidado (CARRARA, 1996) apud (ARAUJO, 2018).

Em vista disso, abordaremos a partir daqui a visibilidade que os anúncios feitos pela imprensa sobre medicamentos tiveram no período analisado até então, e, sobretudo os discursos que eram produzidos por esses periódicos para chamar a atenção dos consumidores que viam nesses anúncios um meio pelo qual se poderia chegar à cura ou fazer a prevenção das doenças que rotineiramente fazia vítimas por toda parte. Neles estavam contidos não só o que se pretendia ser vendido, mas também promessas que sem dúvida alguma representava para as pessoas que os adquirissem uma expectativa em uma nova vida livre de tudo o que lhe causaria medo e angústia, pois em uma população que tanto foi violentada pelas mazelas, um novo remédio que surgisse como solução para aquelas era como renovar as esperanças e acreditar em um novo futuro.

3- PUBLICIDADE E SEDUÇÃO: A REVISTA *FON-FON* COMO FONTE NOS ESTUDOS DA SAÚDE E DOENÇA NOS ANOS 1920

Os séculos XIX e o XX ficaram marcados em nossa história pelo investimento consistente nos produtos que tivessem relação de forma direta ou indireta com os assuntos de saúde e doença. Assim como já foi apontado antes, o Brasil deste período atravessava uma terrível fase no que diz respeito a saúde de sua população que tinha que encarar de muito próximo os muitos problemas que as moléstias dos mais variados tipos apresentavam. Para que esses produtos fossem anunciados da devida forma e conseqüentemente viesse a chegar até os consumidores, era mais que necessário uma divulgação que o tornasse atraente e conquistasse o seu público alvo.

“A produção publicitária projetava influenciar e aumentar o consumo, também transformar hábitos, educar e formar por meio de seu caráter repetitivo, permitia maior facilidade de memorizar a mensagem” (MATOS, 2018, p. 86). Esse público por sua vez tentava das mais variadas maneiras chegar até a cura e a prevenção das doenças que lhes rodeava, e nisso está uma das características mais marcantes do século XX que é a preocupação com a prevenção das enfermidades, e nas palavras de Moulin (2009, p. 20) “a medicina procura, agora, não apenas enunciar um prognóstico para os próximos dias, mas dizer o futuro”. Uma dessas maneiras de tentar a restituição da saúde era justamente reproduzir o que era visto e lido cotidianamente nos jornais e revistas, seus medicamentos,

suas receitas de remédios caseiros, enfim tudo o que era oferecido pela imprensa como promessa de livramento das doenças, conforme Soares Jr. (2015, p. 183) aponta:

São publicidades que prometem uma total mudança de vida, desde o melhoramento do aspecto físico, como um corpo mais hígido e possuidor de bem-estar, até a garantia de uma vida saudável. A maioria dessas publicidades apresentou rostos expressivos e saudáveis, corpos sadios, e frases que prometiam acima de tudo a saúde perfeita e a beleza eterna.

Como exposto acima os periódicos passavam aos seus leitores um ideal de beleza e de saúde renovado pela medicina e pelo higienismo, nele estava vinculado a nova maneira de ser que os cidadãos deveriam adotar, além é claro do distanciamento da imagem de doença que se teria que tomar aqueles que tinham a intenção de serem modernos e principalmente exibir sua saúde e vigor. E para fazer com que essas ideias de saúde se mantivessem fixas, as propagandas usaram os recursos possíveis e imagináveis. Segundo Matos (2018, p. 69) “Cabe destacar que não era apenas o discurso informativo dos benefícios do produto que levaria a decisão do consumo, mas sim as significações latentes presentes tanto no texto como na imagem”. E desta forma vemos muitos dos produtos anunciados ao longo das páginas das revistas fazendo uso da linguagem visual e da linguagem verbal com a intenção de despertar o interesse de seus compradores, como por exemplo, o anúncio dos Comprimidos Schering de Urotropina que prometia a conservação dos órgãos internos, direcionado para o público feminino.

Figura 1 – Anúncio dos Comprimidos “Schering” de Urotropina.



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*. Edição 0012, p. 98, 1925.

Na figura acima podemos verificar a imagem de uma mulher que segundo o anúncio se cuida por ser consumidora dos Comprimidos “Schering” de Urotropina e por isso tem uma aparência jovem, pois como promete o remédio, ele cuida dos órgãos como rins e bexiga, uma vez estes tratados seus bons resultados irão ocasionar em uma boa aparência, livre das indesejáveis rugas, ou seja, sua ação é efetuada de dentro para fora refletindo diretamente na

aparência da mulher que irá utilizar. Propagandas como estas eram comuns na Revista, e pela frequência que aparecia as mulheres se convenciam e compravam.

A revista *Fon- Fon* do Rio de Janeiro foi usada como a principal fonte para realização deste estudo e nos apresenta uma diversidade de produtos em circulação na época que prometia à melhora da saúde e também dos aspectos físicos, e nisto podemos constatar que a saúde estava intimamente ligada a um corpo robusto que não se mostrasse magro e possuidor de alguma doença. Sobre isso Bertucci (2003, p. 207) destaca que, “empregados pela população em uma época que a saúde (e beleza) significava peso, em oposição ao aspecto esquelético dos enfermos do pulmão e dos nervos, os remédios prometiam mais gordura e vigor sanguíneo e cerebral aos usuários”. E assim é demonstrado na propaganda do Elixir de Inhame, onde claramente é prometido ao consumidor que além da limpeza do sangue e do seu fortalecimento, quem o ingerir irá aumentar seu peso e isso refletira em sua saúde. Mais atrativos se destacam nele que são: a melhora quase que instantânea do estado em que a pessoa se encontra, e por fim o seu diferencial dos demais que é o seu sabor comparado a um licor de mesa, estratégia feita para mostrar que seu gosto não é amargo.

Figura 2 – Anúncio de Elixir de Inhame.



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*, Edição: 0002, p. 64, 1929.

Outra fórmula que prometia também assegurar o vigor do corpo e investiu de maneira intensa na propaganda foi o Biotonico Fontoura, este produto esteve presente em muitas das edições da revista analisada, sempre se mostrando uma arma poderosa para combater a fraqueza e a debilidade que alguns indivíduos da sociedade pudessem de alguma forma apresentar em sua saúde. Dos muitos anúncios feitos por Biotonico Fontoura nesse que segue abaixo podemos observar como plano principal um homem forte e um cavalo, ambos exibindo sua força e músculos e as palavras em destaque: Força, Saúde e Vigor, se mostrava também diferente dos outros por ser o mais completo fortificante. Quando fazemos a associação da imagem de robustez do homem com o animal vemos que ao adquirir este produto as pessoas também iram ter essa mesma força que é evidenciada na imagem.

Figura 3 – Anúncio de Biotonico Fontoura



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*. Edição: 0010, p. 15, 1925.

Para combater a tosse encontramos uma diversidade de medicamentos nas páginas da revista e também de outros periódicos que circulavam na mesma época, esses produtos garantiam a saúde dos pulmões contra aquelas doenças que rondavam a população como, por exemplo, a tuberculose que acometia há tanto tempo a vivência de todos, e isso fica claro nos comerciais do xarope Roche ao Thiocol elaborados em anos distintos, porém com a mesma promessa, que era de livrar de vez das doenças pulmonares aqueles que faziam uso dele, para um país que conheceu tão de perto a agressividade de doenças como a tuberculose esse remédio e outros que se apresentavam também com esse mesmo desafio que era curar esta mazela, simbolizava uma grande expectativa na segurança de viver uma vida isenta de tais doenças. E sobre essas curas milagrosas que os remédios prometiam frequentemente nos periódicos Bertucci (2003, p. 212-213) nos esclarece que:

Durante o final da década de 1910 e o início dos anos 1920, produtos com fórmulas reconhecidas cientificamente recorriam a frases que induziam ao mundo de curas espetaculares, manipulando comercialmente uma fala que procurava atingir de maneira direta os leitores dos jornais.

Deste modo, o xarope Roche trazia em seu anúncio uma gama variada de enfermidades do peito que ele se comprometia em combater, na primeira imagem do ano de 1922 em seus dizeres nele estava a cura de todas as gripes, tosses, bronquites e constipações, além é claro do combate à tuberculose. Outro ponto interessante é que qualquer pessoa poderia se beneficiar pelo uso do xarope, pois segundo ele não afetava os estômagos delicados e para finalizar se coloca como único responsável pela cura desses problemas de saúde dizendo que até aquela data não havia sido encontrado nenhum produto com tais efeitos.

Já no ano de 1923 na edição de Natal da revista *Fon-Fon* o xarope aparece com menos conteúdo escrito em sua imagem e com mais ilustração, dessa vez se referindo a si próprio como um medicamento precioso e mais uma vez salienta que previne a tuberculose, neste anúncio não fica tão evidenciado o thiocol como no primeiro apenas a marca do xarope que é Roche.

Figura 4 – Anúncio do Xarope Roche



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*. Edição: 0001, p. 2, 1922 e Edição Natal, p. 5, 1923.

Os dentes também ganharam espaços dentro dos assuntos de saúde das revistas, com a divulgação dos cremes dentais que muitas das vezes eram associados a total vitalidade do corpo com a saúde da boca, assim sendo através dos periódicos também se pretendia estabelecer a cultura da higiene no sorriso das pessoas e mudar os costumes.

Até o século XIX, esfregar os dentes com pérolas, pedra-pomes, areia, sal de cozinha e bochechar com aguardente eram hábitos em vigor para alvejar os dentes e fortalecer as gengivas. Essas práticas foram, gradativamente, substituídas com a introdução das pastas de dentes e dos dentífricos (MATOS, 2018, p. 89).

Nesse sentido vemos nas imagens a seguir o exemplo tanto de pasta quanto do dentífrico, a primeira da marca Colgate com uma criança sorrindo e ao mesmo tempo escovando os dentes, a embalagem do produto que pretendia vender que conecta a boa saúde ao uso constate de Colgate. No segundo caso o dentífrico do fabricante Odol tem como protagonista um homem com uma escova de dentes na mão sorrindo e ao seu lado um manual dizendo quando se deve abrir a boca, o que nos possibilita ver mais uma vez como essas publicidades vão ainda mais além de vender um produto mais sim determinar como o cidadão deve se comportar e somado a isso está a ação do produto que garante a alteração do mau hálito melhorando o cheiro da boca e dá ao sorriso alvura e brilho.

Figura 5 – Anúncio de Colgate e Odol.



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*, Edição 0002, p. 71, 1923 e Edição 0005, p. 40, 1922.

Muitos outros medicamentos tiveram suas propagandas expostas na imprensa do período entre eles podemos citar alguns como: Dyanamogenol que dizia ser a cura para as pessoas que se encontrasse nervosa ou sem memória; *Ventre Livre* que era um remédio para quem tinha o estômago doente que poderia acarretar dores na cabeça e também em outras partes do corpo; *Virol* para diarreia infantil, mostrando em um de seus anúncios o antes e o depois de uma criança que teve a doença, primeiramente com um corpo bem debilitado e magro e logo depois um aspecto saudável com um aumento no ganho de peso; também estavam presentes nesse rol as gotas salvadoras das parturientes do Dr. Van Der Laan que assegurava a mulher um parto rápido e feliz se ingeridas no último mês de gravidez; e o sal de frutas de *Eno* que se colocava como o melhor do mundo inteiro para a correção das desordens gástricas e incômodos do intestino, entre outras tantas fórmulas mostradas cansativamente que não nos deteremos especificamente neste trabalho, mas que visavam garantir a saúde de seus compradores mediante o tratamento das doenças.

Por último, para a cura da sífilis o medicamento *Luesol* se mostrou um grande aliado, pois dizia servir tanto para os casos de sífilis hereditários como para aqueles que foram adquiridos ao longo da vida, sua propaganda além de ressaltar que é o grande depurativo do século, divulgava as palavras e a imagem do médico *Victor Rassomanno* para dar ao medicamento credibilidade, uma vez que era a fala de um profissional da saúde que indicava o produto, por ter ele mesmo usado em seu próprio consultório com os seus pacientes e como é exposto dá a sua valiosa opinião.

Figura 6 – Anúncio de Luesol

EM CASOS GRAVISSIMOS!! Syphilis hereditaria e adquirida

O "LUESOL" de SOUZA SOARES e os seus notaveis triumphos!

Valiosa opinião de um talentoso clinico Rio-Grandense, professor da Faculdade de Pharmacia e Odontologia de Pelotas (Rio Grande do Sul):

« Attesto que tenho alcançado em minha clinica, excellentes resultados therapeuticos com o emprego do LUESOL de Souza Soares em casos gravissimos de syphilis hereditaria ou adquirida e como tonico geral.

Pelotas (Rio G. do Sul) 1918.

Dr. Victor Russomanno.

O LUESOL é o grande depurativo do SECULO! A sua acção curativa é incomparavel!

As curas assombrosas que tem feito em toda a parte, constituem o grande segredo da sua collossal acceitação!

O LUESOL que é um producto scientifico moderno, sem alcool, de bom paladar, facilmente tolerado pelos estomagos mais exigentes, não contem alcool!



Dr. Russomanno

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias e nas seguintes casas: Silva Gomes & C., S. Pedro 39 — J. M. Pacheco, Andradas 95 — Araujo Freitas & C. — Ourives 83 — Rodolpho Hess, 7 de Setembro 61 e Granado & C. — Rio.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*. Edição 0001, p. 43, 1921

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise buscou evidenciar como os conceitos de saúde e doença eram vistos pela sociedade do começo do século XX, período que ficou marcado por aperfeiçoar práticas iniciadas no século anterior no tocante a noções do ser saudável e do estar doente. Contribuíram para isso, as imagens que eram divulgadas nos periódicos, estes como um dos principais veículos de informação da época que disseminava em suas edições propagandas de medicamentos e falas de médicos que prometiam a cura das enfermidades que eram noticiadas e que a população conhecia tão de perto.

Um desses periódicos foi a revista semanal *Fon-Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiante* (1907-1958) do Rio de Janeiro que serviu de base para a realização desse estudo, através dos anúncios exibidos em suas páginas podemos tomar conhecimento do que os muitos produtos pregavam com a intenção de se destacar em um período que os mais variados males estavam presentes na vida dos indivíduos. Além disso, revistas como esta também exercia influência em outros aspectos da vida de seus leitores com a exposição de roupas da moda, festa da sociedade, propagandas de cosméticos, enfim todos os assuntos que de uma forma ou de outra pertencem ou deveria pertencer a uma sociedade que visava ser moderna.

Sendo assim, partimos do ponto de que com as ideias de modernidade e muitas delas vindas do continente europeu, a população brasileira, sobretudo das grandes cidades adentrou em um novo padrão de saúde que estava intimamente ligado aos ideais de higiene e forma física que dava preferência aos corpos mais robustos, isso podemos constatar mediante aos muitos produtos que garantiam em seus anúncios o fortalecimento do corpo e o aumento do peso, estes foram apresentados na imprensa rotineiramente. E somado a este novo padrão que se difundia, estava o lugar da doença que uma vez detectada no corpo de alguém deveria ser abolida com os medicamentos que eram divulgados e muitos deles indicados por

profissionais da saúde, contudo observamos que nem sempre estes faziam parte da rotina das pessoas que muitas das vezes utilizavam outros meios para obtenção da saúde, porém não se pode negar que naquele período a publicidade mostrada pelos jornais e revistas detinha um espaço privilegiado dentro da sociedade da época, tendo em vista a variedade deles e também a quantidade de periódicos que circulava em todo o país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Cláudia Condeixa de. “O Globo e a Folha de S. Paulo: os jornais como fontes nos estudos da AIDS”. FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jackeline. **Uma História brasileira das doenças**. Vol. 8, Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

ARAÚJO, Rafael Nóbrega de; SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **As metáforas construídas sobre a sífilis nas páginas da na revista era nova - Paraíba (1921-1924)**. III Conapesc, 2018. Disponível em: < http://editorarealize.com.br/revistas/conapesc/trabalhos/TRABALHO_EV107_MD1_SA13_ID1204_16052018221617.pdf > Acesso em: 05 de novembro de 2019.

BERTUCCI, Liane Maria. “Remédios, charlatanices... e curandeirices. Práticas de curas no período da gripe espanhola em São Paulo”. In: CHALHOUB, Sidney, et al. (org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. São Paulo: Unicamp, 2003.

CHALHOUB, Sidney et al. (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, Unicamp, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História da gente brasileira**. Volume, 3. República-Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

FERREIRA, Luíz Otávio. “Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (!830/1840). In: CHALHOUB, Sidney et al. (org.). **Artes e ofício de curar no Brasil: Capítulos de História Social**. Campinas, Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. (Org). **As doenças tem história**. Lisboa: Terramar, 1985.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Corpos e emoções: história, gênero e sensibilidades**. São Paulo: e- Manuscrito, 2018.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma possível história do sorriso**. Institucionalização, ações e representações. São Paulo, Hucitec, 2018.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da Colônia: limites e espaços de cura**. 2ed. Recife: editora Universitária da UFPE, 2011.

MOULIN, Anne Marie. “O corpo diante da medicina”. In: **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO G.; Petrópolis, Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do século XX: Tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; LACERDA, Aline Lopes de. **Uma História brasileira das doenças.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti, et al. A ordem antes do Progresso: O discurso médico – higienista e a educação dos corpos no Brasil no início do século XX. **Fênix**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 9, ano IX, nº 1. Janeiro/Fevereiro/Março/Abril de 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 3.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: A inovação em História.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. “Higiene e higienismo entre o império e a república”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Unesp, 2011.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924).** Rio de Janeiro: AMC Guedes, 2015.

STIKER, Henri-Jacques. “Nova percepção do corpo enfermo”. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FONTES

Revista *Fon- Fon*. Rio de Janeiro. Disponível em: <

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20192&pesq=anuncios%20de%20medicamentos>> Acesso em: 12 de outubro de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas que me sustentou até aqui me rodeando sempre com seu zelo, bondade, misericórdia, fidelidade e, sobretudo amor. A Ele e somente a Ele a glória, honra e o louvor para sempre amém.

Aos meus pais Adailson e Ana Paula que estiveram comigo em todos os momentos dessa jornada me passando confiança e carinho, me mostrando sempre o melhor caminho a percorrer, além dos muitos sacrifícios que fizeram que eu pudesse chegar até aqui.

A minha família, minha irmã Geovana, meus tios e tias, primos e primas que estiveram ao meu lado.

Aos meus amigos que fiz durante esse período, tanto os colegas de sala em especial Antonieta, Suellen e Cleciane, quanto os companheiros das viagens diárias até a faculdade, estes foram e são muito necessários para minha vida acadêmica e pessoal, sem eles tenho certeza que essa experiência não seria tão proveitosa como foi.

Aos professores da UEPB por dividirem seus conhecimentos, facilitando meu aprendizado e me incentivarem a buscar novas saberes.

A minha orientadora a professora Edna Nóbrega que mesmo enfrentando problemas de saúde não deixou de cumprir com o que tinha se comprometido, isso mostra o seu grande amor pela docência.

A prefeitura do município de Tacima que durante todo esse tempo que estive cursando a faculdade disponibilizou o transporte para que eu pudesse ir e vir para a universidade, o agradecimento se estende ao prefeito, aos secretários e ao motorista do ônibus, bem como todo o pessoal que também utiliza do transporte da cidade.

A todos aqueles que me ajudaram seja dando carona, ou até mesmo inconscientemente me estimulando a prosseguir enfrentando os muitos desafios que se apresentaram no decorrer desses quase quatro anos, do fundo do meu coração, muito obrigado.